

Histórias do Ribeirão

narrativas e memória gráfica
de crianças quilombolas



Design e Ilustração:
Gabriel Cruz

Textos:
Roselete Fagundes de Aviz

Histórias do Ribeirão

narrativas e memória gráfica
de crianças quilombolas

PROJETO GRÁFICO	Gabriel Cruz Douglas Luiz Menegazzi
DIAGRAMAÇÃO	Gabriel Cruz
ILUSTRAÇÃO	Arthur, Beatriz, Benjamin, Cauany, Camili, Caíque, Enzo, Gabriel Cruz, Giovana, Helena, José Vinicius, João Vitor, Júlio, Luis Artur, Pietro, Renato, Sophia e Gabriel Cruz
ORIENTAÇÃO	Douglas Luiz Menegazzi Roselete Fagundes de Aviz
REVISÃO	Douglas Luiz Menegazzi Roselete Fagundes de Aviz
TEXTO ORIGINAL	Arthur, Beatriz, Benjamin, Cauany, Camili, Caíque, Enzo, Giovana, Helena, José Vinicius, João Vitor, Júlio, Luis Artur, Pietro, Renato, Roselete Fagundes de Aviz, Sophia Roselete Fagundes de Avis



Este livro surge como Projeto de Conclusão de Curso (PCC) em Design, com objetivo de, através do design, documentar, preservar e valorizar as memórias e histórias do povo da Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão, Pirabeiraba, Joinville, Santa Catarina. O conteúdo deste livro foi produzido pela professora, pesquisadora e escritora Dra. Roselete Fagundes de Aviz, docente da mesma instituição (UFSC) e quilombola da referida comunidade Ribeirão do Cubatão.

O projeto nasce da vontade da professora/pesquisadora em dar maior visibilidade às vivências do povo quilombola de Ribeirão do Cubatão, especialmente no que se refere à memória das pessoas idosas e à transmissão de relatos pela oralidade e reinterpretação pelas crianças de lá. É importante mencionar que grupos quilombolas já são historicamente apagados e marginalizados à história e à cultura vigente, o que é ainda mais complexo em um quilombo recentemente declarado e, ainda, em uma região onde a valorização de uma dita cultura europeia, germânica, é bastante forte, no caso do vale do Itajaí, na região de Joinville. Para tomarmos ciência, a comunidade fora prejudicada pelo seu reconhecimento ter acontecido nas vésperas da pandemia de Covid-19. Somado a isso, a comunidade sofreu diversos ataques de desinformação durante o período.

As histórias apresentadas neste livro surgiram a partir das chamadas Oficinas Narrativas, ou Quilombolinhas, realizadas sempre nos quintais das casas da comunidade, e se caracterizam “como espaço de encontros para conversas, histórias e criações entre idosos e crianças, em diferentes linguagens, como a oralidade, a literatura, a música, a fotografia, o audiovisual” (Aviz, no prelo).

Gabriel Cruz

Sumário

10	A Nascente...	50	As Pedras Brancas
12	Mapa da Comunidade Quilombola do Ribeirão do Cubatão	58	Mel e Flecha
24	As duas Pétalas de Girassol	62	A Onça e a Vaca
28	Encantado	66	Histórias Legais
32	O Menino Gato	72	A Concha das Crianças
38	Uma Tarde no Rio	76	O Menino e a Chiloida
42	O Menino e o Peixe	80	Queridos Fazedores de Rios
46	A Gata Mal-humorada	85	A Foz...
		87	Agradeço...

A Nascente...

A história de Joinville tem ligação com a princesa do Brasil, Francisca de Bragança, que se casou, em 1843, com Francisco Fernando de Orléans, Príncipe de Joinville, terceiro filho do rei Luís Felipe I. O príncipe ganhou, como prêmio de casamento, 25 léguas cúbicas em plena Mata Atlântica que se situavam na região do município que recebeu o nome do monarca francês. Porém, depois que o rei Luís Felipe I foi destronado, em 1848, e o Príncipe de Joinville ficou refugiado na Inglaterra, houve a ideia de colonizar essas terras, organizando-se a colônia que seria habitada por europeus.

Toda criança, que frequentou a escola, ouviu falar dessa história da cidade de Joinville: a história de um príncipe e de uma princesa. Quantas delas foram levadas, inclusive, para visitar a casa em que o príncipe e a princesa “moraram”, casarão onde, hoje, fica o Museu Nacional de Imigração e Colonização? Nessas visitas, eram contadas histórias sobre um príncipe e de uma princesa que moraram naquela casa. E ali, tentavam imaginar como seria a vida de um príncipe e uma princesa morando na região mais central de Joinville. Compreendendo, também, porque um dos codinomes de Joinville é “Cidade dos Príncipes”. No entanto, tanto o príncipe quanto a princesa nunca moraram em Joinville.

Essa história, contada pela História Oficial, não é a única história narrada para esconder outra. E dentre tantas que existem, está a do povo negro em Joinville.

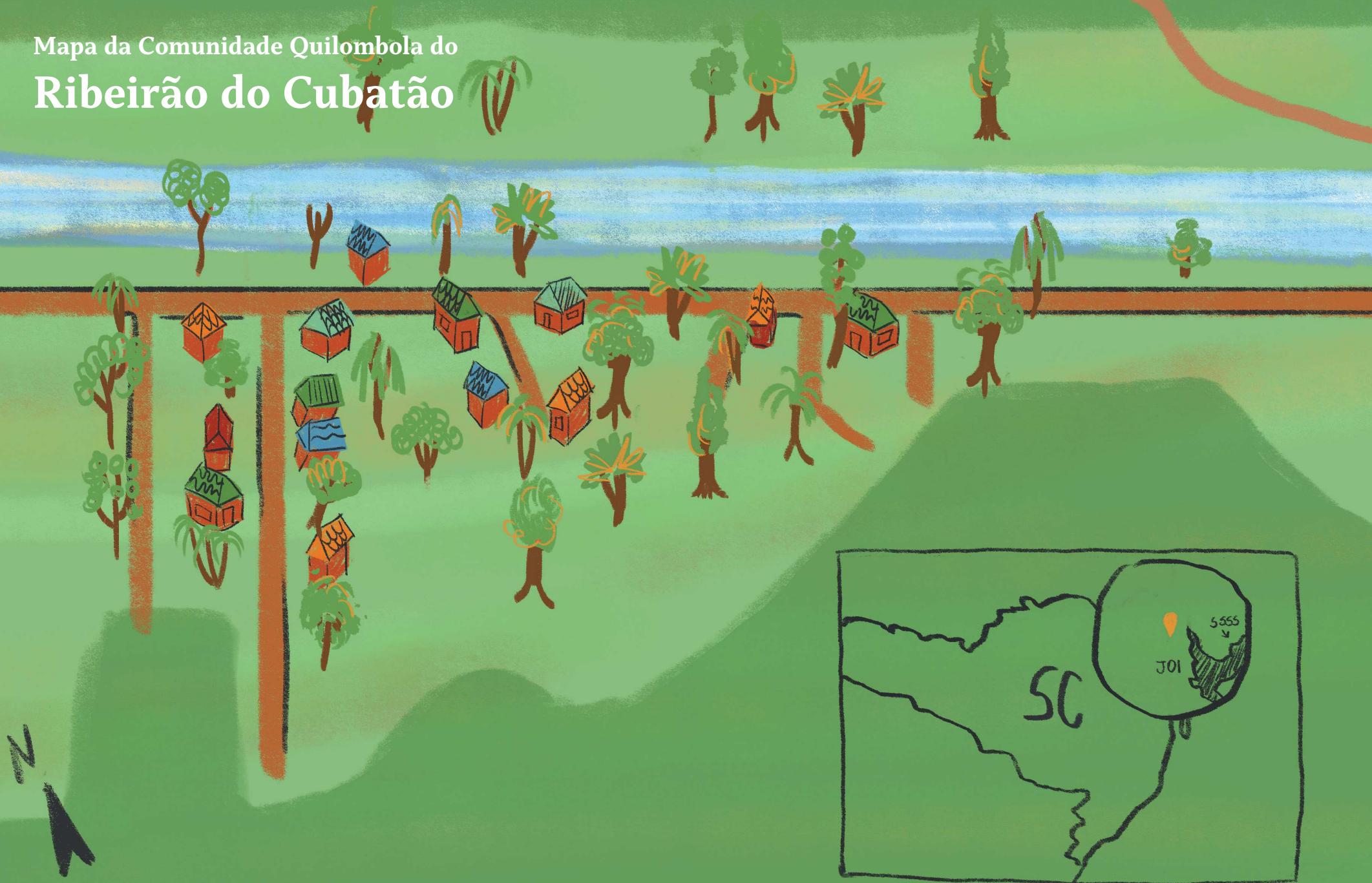
A leitura atenta, tanto do que conta-nos a História Oficial, bem como a História Oral, mesmo quando não (re)velada, comprova que as famílias, cuja vinda é registrada para a colônia, tinham toda uma base de mão de obra escrava. A memória dos idosos de Ribeirão do Cubatão foi fundamental para nomear esses africanos escravizados que viveram em Ribeirão. Isso nos permite identificar uma

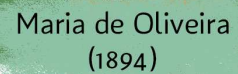
linha sucessória vinda até as três principais famílias que constituem a Comunidade, e ainda nela vivem: família Leopoldino, família Rita e família Dias. Os testemunhos dos idosos nos levam até uma das regiões do Continente Africano, de onde alguns deles vieram, como por exemplo, os versos do Cangulo que esses africanos escravizados cantavam, depois de se fixarem em Ribeirão, constituindo ali um dos quilombos de Joinville, SC.

Embora a ideologia do branqueamento tenha se constituído como um projeto, cujo objetivo era levar os negros a assimilarem os valores e a cultura do grupo branco como legítimos, negando a herança dos ascendentes africanos, a memória dos idosos de Ribeirão do Cubatão afirma essa herança. Apesar de a Historiografia fazer questão de tornar os negros em Joinville invisíveis, desconsiderando a real contribuição da raça negra na formação da sociedade, vivendo a construção de uma identidade étnico/racial fragmentada, Ribeirão do Cubatão apresenta as descendências desses negros e faz questão de contar às suas crianças para que elas nunca esqueçam do quanto é importante compreender que “Nossos passos vêm de longe”.

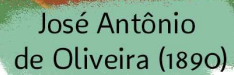
Roselete Fagundes de Aviz

Mapa da Comunidade Quilombola do Ribeirão do Cubatão

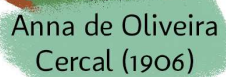




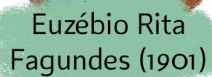
Maria de Oliveira
(1894)



José Antônio
de Oliveira (1890)



Anna de Oliveira
Cercal (1906)



Euzébio Rita
Fagundes (1901)



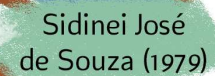
Rosa Fagundes
de Aviz (1944)



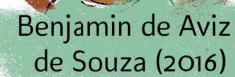
Rufuino Agostinho
de Aviz (1954)



Débora Fagundes
de Aviz (1979)



Sidinei José
de Souza (1979)



Benjamin de Aviz
de Souza (2016)

Família do
Benjamin

Maria de Oliveira
(1894)

José Antônio de
Oliveira (1890)

Anna de Oliveira
Cercal (1906)

Euzébio Rita
Fagundes (1901)

Anna de Oliveira
Cercal (1931)

Maniel de Oliveira
Prado (1927)

Arlete de Oliveira
Prado (1963)

João Carlos de
Oliveira Prado (1955)

Juliane Regina de
Oliveira Prado (1988)

Giovani Cristiano
(1986)

Giovanna de Oliveira
Cristiano (2012)

Família da
Giovanna



Francisca Antônia
de Oliveira (1881)

Christino Leopoldino
(1876)

Maria da Graça
Leopoldina (1923)

Maximiano Leopoldino
(1918)

Maria de Lurde
Kroh (1953)

Nivaldo Kroh
(1951)

Graziele Terezinha
Kroh (1985)

Heverton Budal
Arins (1987)

Pietro Budal
Arins (2018)

Família do Pietro

Francisca Antônia
de Oliveira (1881)

Christino Leopoldino
(1876)

Maria da Graça
Leopoldina (1923)

Maximiano Leopoldino
(1918)

Maria Rosária
Leopoldina (1958)

Avô paterno

Miane Regina
Leopoldina (1986)

João VALDIR
da Silveira (1976)

Sophia Alice
da Silveira (2015)

Família da *Sophia*



As duas Pétalas de Girassol

Era uma vez um broto de girassol jogado na beira do rio e ninguém cuidava dele.

Um dia, uma menina e seu avô estavam passeando de canoa e encontraram o girassol.

O nome da menina era Lorena. Ela ficou preocupada com aquele girassol e falou para seu avô:

- Vô! Posso levar ele para nossa casa?

Então, seu avô falou:

- Pode! Mas, você vai ter que cuidar dele.

Então, o avô de Lorena arrancou o girassol com um pouco de terra e deu pra Lorena. Ela abraçou o Girassol e levou ele com ela.

Durante a viagem de volta, Lorena ia batendo com a mão na água. Ela olhava pro girassol e ficava com pena dele porque ele só tinha duas pétalas.

Quando chegaram na casa do seu avô, seu avô deu a ela um vaso de barro e foi ensinando como ela devia plantar o girassol. Ela levou o vaso pra casa dela e cuidou dele.

O tempo passou e o girassol foi ficando com mais pétalas.

Um dia, quando o avô de Lorena chegou na casa dela, viu que a menina tinha cuidado do girassol. Ele tinha se tornado um lindo girassol. O avô deu parabéns para a neta e falou:

- Vamos tirar ele do vaso e plantar no jardim?

Giovana, 10 anos



Giovanna trouxe, para sua narrativa, os laços afetivos entre um avô e sua neta. Talvez, essa história seja inspirada em seu avô: José de Oliveira Prado. Ele nasceu em 05 de setembro de 1955, na Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão. Com o avô Euzébio e o pai Manoel, aprendeu os conhecimentos tradicionais, dentre os quais os saberes da mata. É um cuidador da natureza. As plantas e o rio são para ele como pessoas da sua própria família.



Giovanna, 10 anos





Encantado

Em Ribeirão do Cubatão há um
morro grande
Que todo mundo passa de largo
Esse morro tem muitos anos
E seu nome é encantado.
Pedi para minha avó
Me contar essa história direito
perguntei primeiro pra ela
de onde é que esse nome veio.

- é que sempre à meia-noite
Se ouvia o canto de um galo.
Que cantava por horas a fio
E ainda sem intervalo

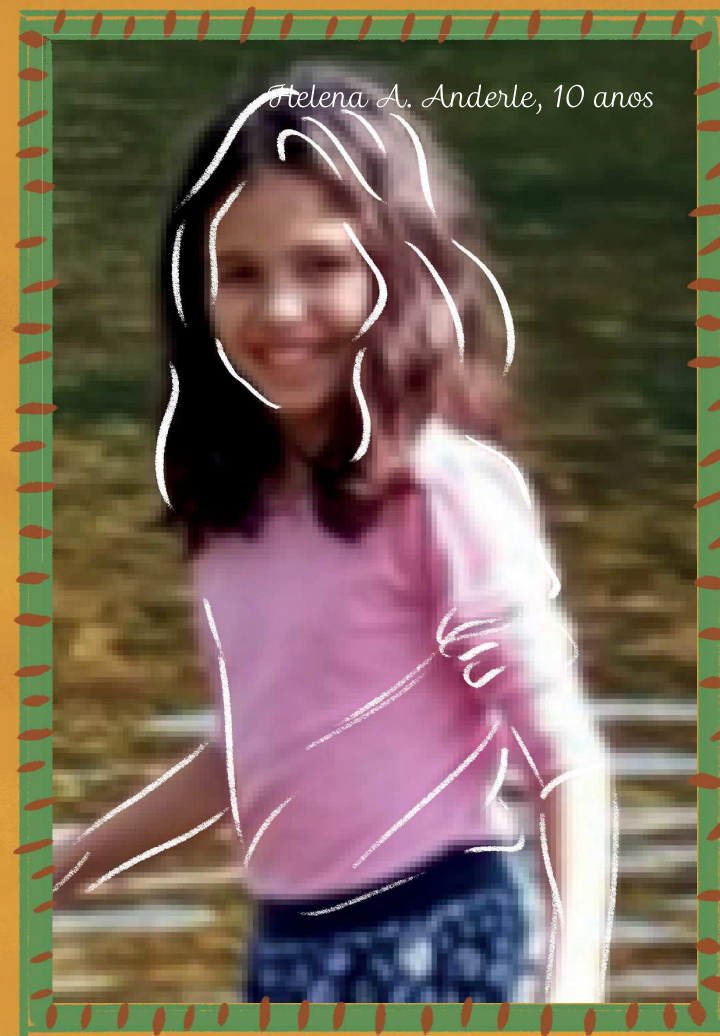
Respondi desconfiada
Pois cheguei a duvidar
Por que é que à meia-noite
Um galo não pode cantar?

Minha avó me respondeu
Galo que canta na mata
Sem galinheiro ou quintal
E uma luz que pisca-pisca
Como se fosse um sinal
Ou é coisa de encantado
Ou vai ver é bicho do mal.

Helena A. Anderle, 10 anos



Helena de Aviz Anderle ouviu essa história de sua avó, Rosa Fagundes de Aviz. Rosa nasceu em Ribeirão do Cubatão, em 09 de outubro de 1944. O pai dela era quem lhe contava a história do morro do encantado. O pai de Rosa chamava-se Euzébio Rita Fagundes e, a mãe, Anna de Oliveira Cercal. Anna de Oliveira Cercal era filha de africanos escravizados. A descendência de Euzébio e Anna forma grande parte da referida Comunidade.

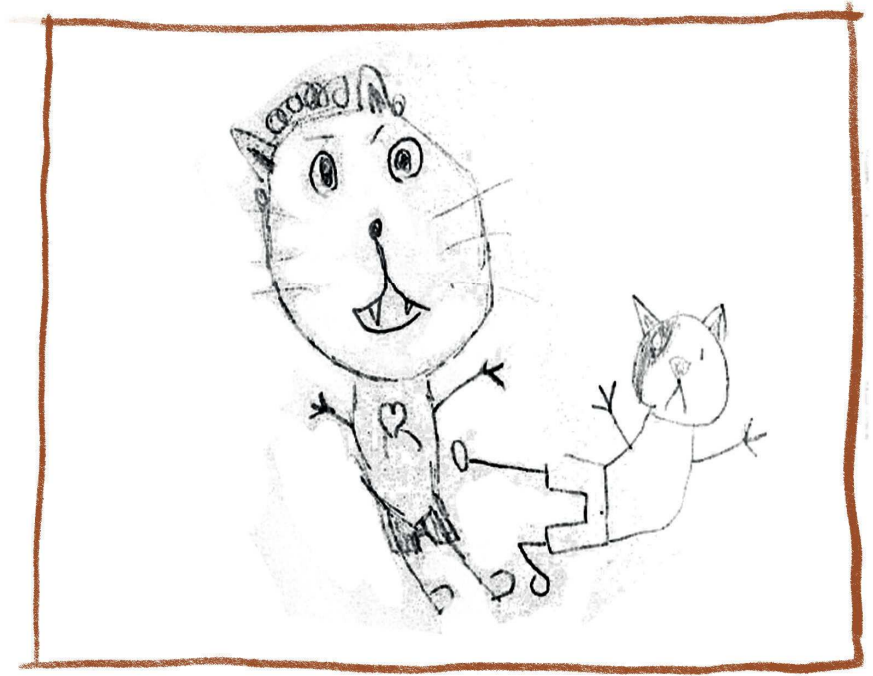
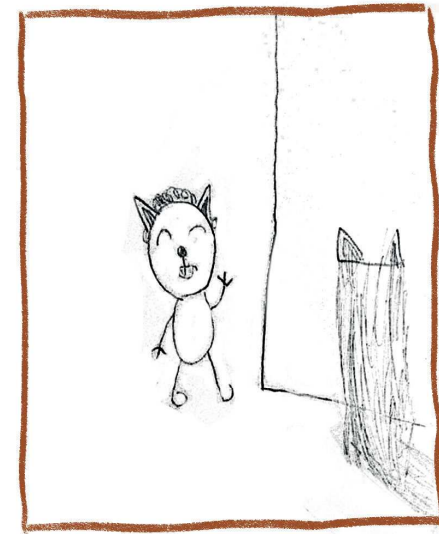
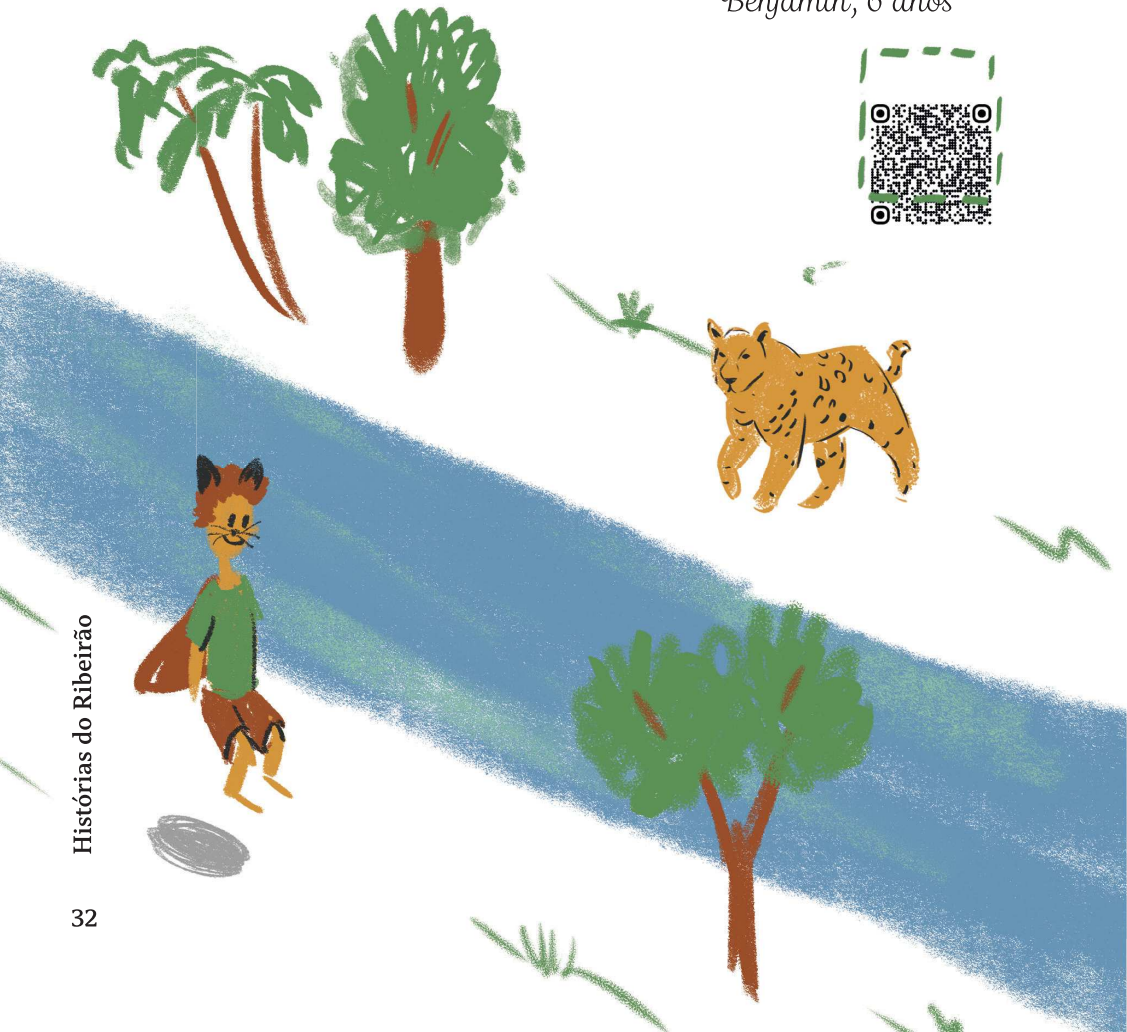


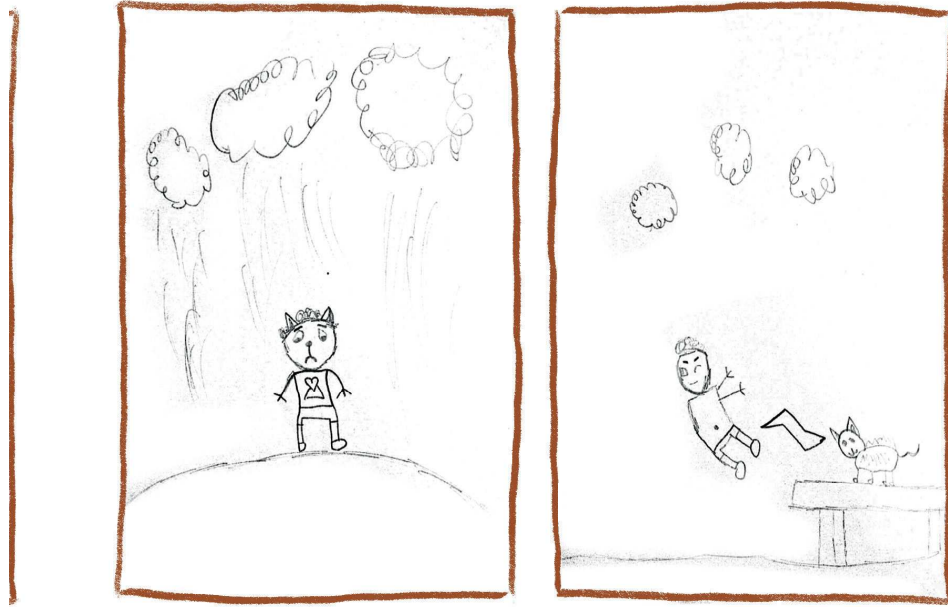
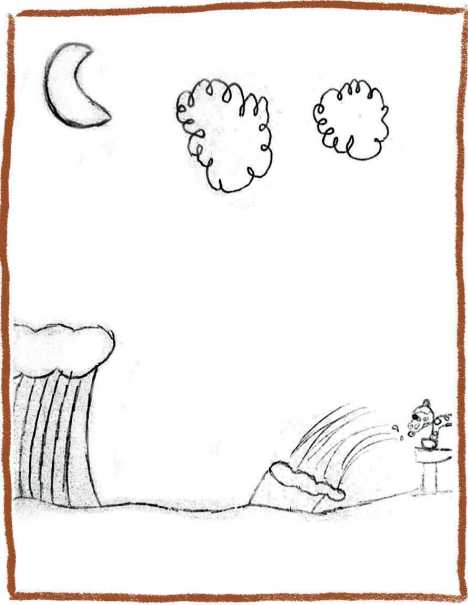
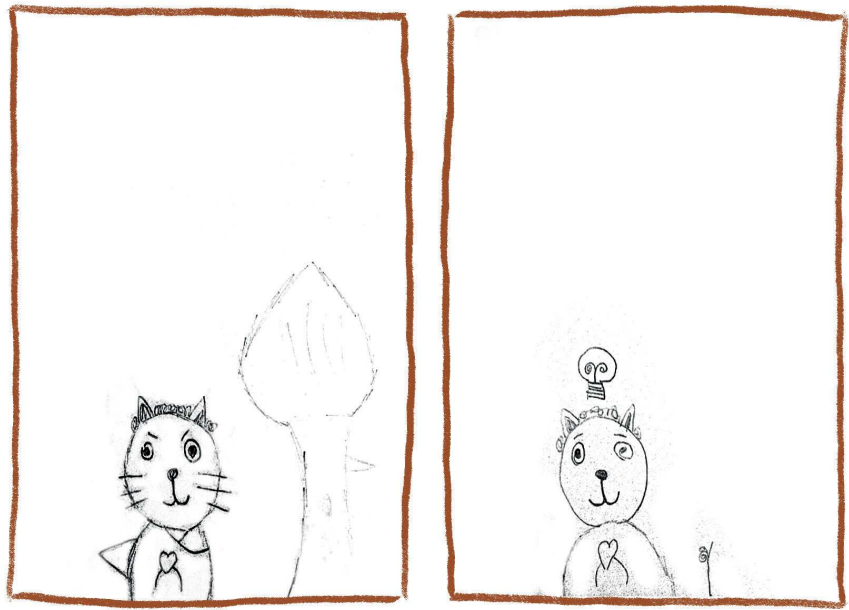
Helena A. Anderle, 10 anos

O Menino Gato

Era uma vez um menino que estava nadando no rio.
Quando veio uma onça beber água e assustar o menino.
Mas ele teve uma ideia: lembrou da sua habilidade e saiu da
água tranquilo pelo lado contrário.
A onça fez uma cara feia e ameaçou atravessar nadando para
o outro lado.
Mas, o menino testou seus poderes e virou o menino gato.

Benjamin, 6 anos







Benjamin de Aviz de Souza inspirou-se na história de uma onça para criar sua narrativa. Essa história foi contada por sua prima, Miane Leopoldino, neta de Maximiano Leopoldino, conhecido em Ribeirão e nas imediações como o “herói que matou a onça”. No ano de 1957, uma onça “atormentou” a vida dos moradores de Ribeirão. As pessoas tinham medo até de sair de dentro de casa. Os moradores da Comunidade começaram, então, a procurar a onça que foi encontrada e morta. Não demorou muito para que um dos jornais da cidade fosse até Ribeirão para ver se aquela história era verdade. Até hoje, Miane e a família guardam o jornal e a carcaça da onça como lembrança.



Benjamin, 6 anos

Uma Tarde no Rio

Quando chove muito, o rio fica perigoso e as nossas mães ficam muito preocupadas. Uma vez choveu muito e eu queria muito brincar no rio. Então, pedi pra minha mãe:

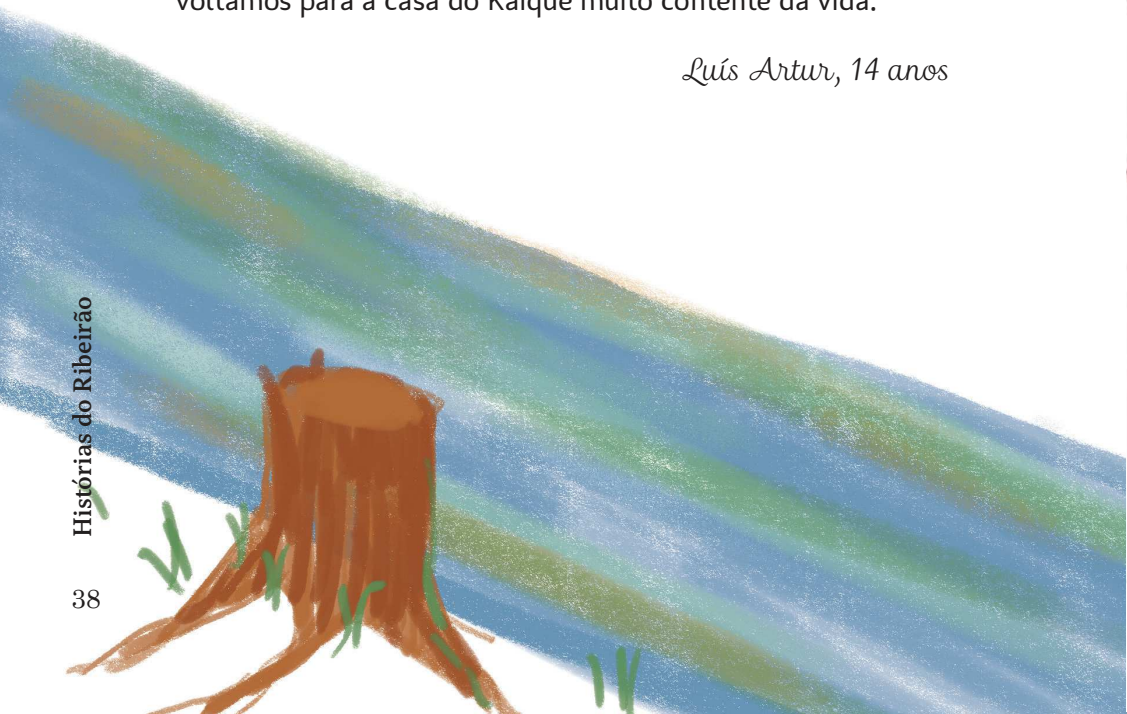
- Posso brincar na casa do Kaique? Minha mãe deixou. Chegando lá, tivemos uma ideia, passar na casa do Pedro e convidá-lo para brincar. Fomos os três. Ficamos pensando em como fazer uma brincadeira no rio. Então, eu falei:

- Já sei! Podemos levar uma corda e amarrar numa das árvores que a enchente derrubou. Na frente da casa do Kaique tinha uma delas. Todos toparam.

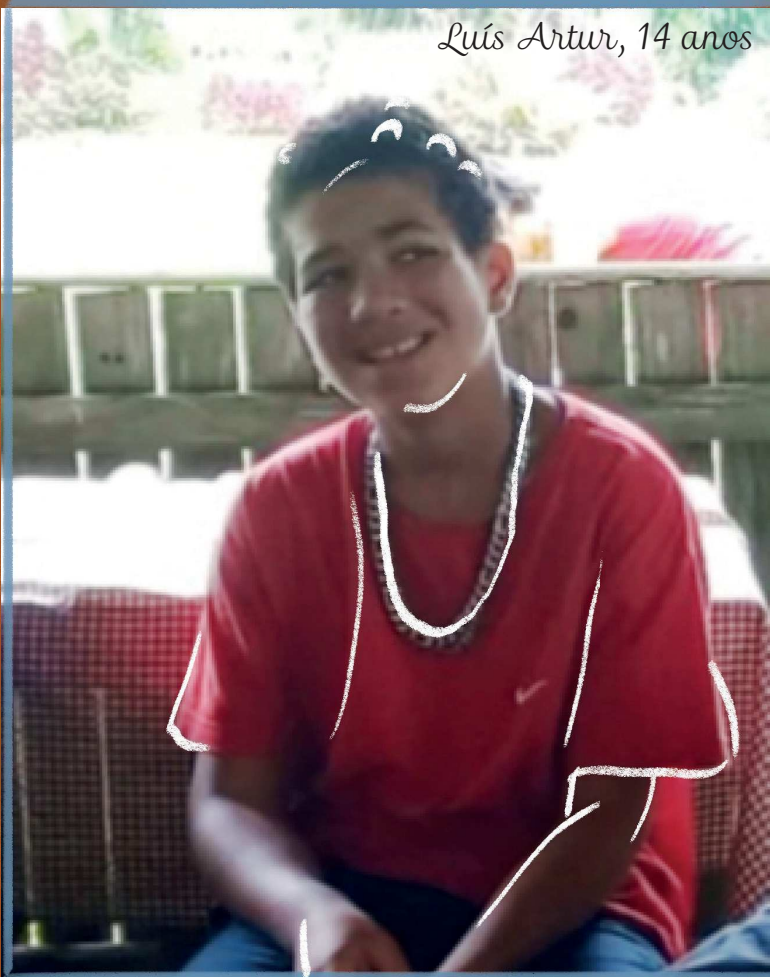
Chegamos no barranco e ficamos pensando: como vamos fazer? Então, decidimos que iríamos amarrar uma corda na árvore derrubada. Como eu era o maior, subi no galho e amarrei uma corda bem apertada.

Depois disso, cada um, por sua vez, subia na árvore deitada, pegava a corda e se jogava até quase o meio do rio voando. Assim ficamos uma tarde inteira. Depois dessa aventura, voltamos para a casa do Kaique muito contente da vida.

Luís Artur, 14 anos



Luís Artur, 14 anos



Luís Artur escreveu sua narrativa, partindo do vídeo em que os idosos contam a história do rio. Quem fez o rio, quando fizeram e como fizeram. Um dos “fazedores de rio” é o tio de Artur, Rufino Agostinho de Aviz, popularmente conhecido por Sinoca. Ele tem, hoje, 90 anos, mas ainda lembra da época em que chegou em Ribeirão do Cubatão, quando ainda nem estrada tinha. Nesse rio, ele encontrou o amor da vida dele: Rosa Fagundes de Aviz, irmã do avô de Luís Artur, Waldemar Rita Fagundes. E hoje, vivem em Ribeirão, pertinho do rio, assim como Luís Artur e toda sua família.



O Menino e o Peixe

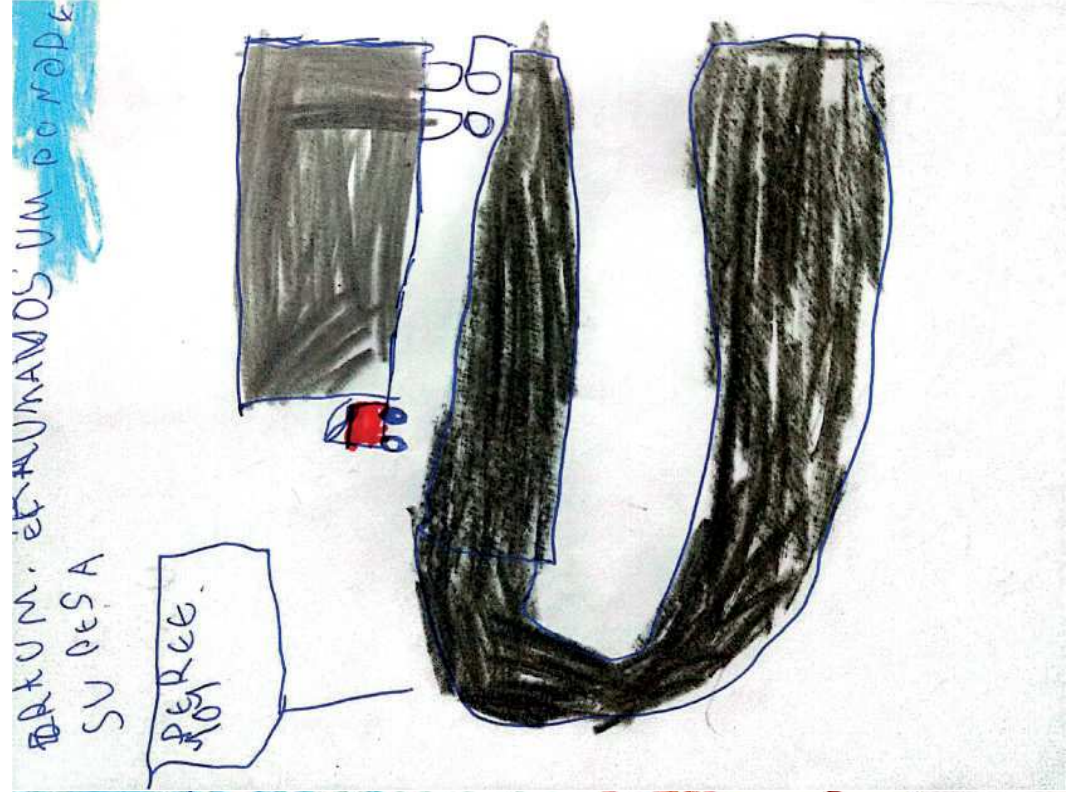
Era uma vez um menino que queria pescar um peixe grandão. Então, ele pescou.

Depois, ele entrou na água para atravessar o rio e ir para casa. Mas o rio tinha enchido muito. O menino se assustou.

Então, o pai do menino disse:

- Não precisa ficar assustado. Foi a maré que encheu. E, quando chegou perto do menino, falou:
- Sobe nas minhas costas!

Caíque, 8 anos



Caique é um menino-peixe que gosta muito de pescar no rio que seus tios fizeram, lá em 1958. Ele contou essa história depois que soube da história do rio. Que o rio não nasceu sozinho. Caique tem mais outra paixão, além do rio. Ele adora andar a cavalo. Paixão que herdou de seus ancestrais: seus trisavôs Christino Leopoldino (1876) e Antônio Naro (1853). Os idosos da Comunidade contam que eles domavam cavalos com muita habilidade e eram muito respeitados na região por essa habilidade.



Caique, 8 anos



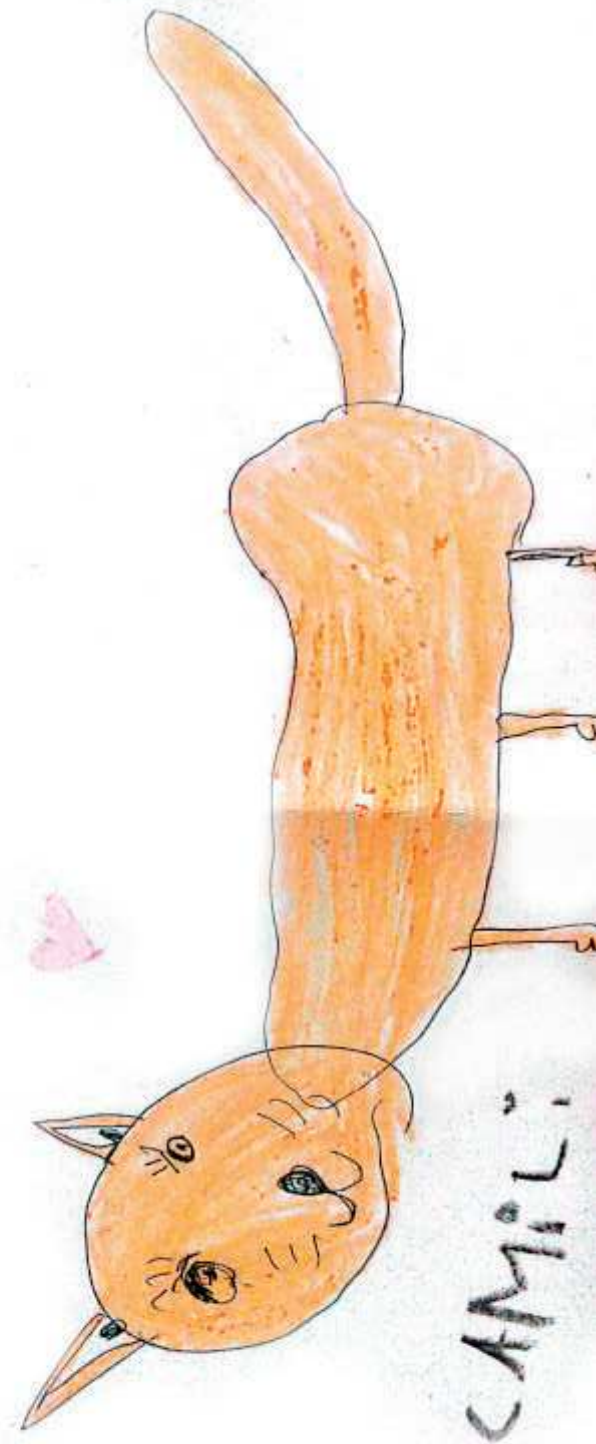
A Gata Mal-humorada

Era uma vez uma família feliz e uma gata mal-humorada.
Aí, a gata encontrou um gato e ficou bem feliz.

Camili, 7 anos



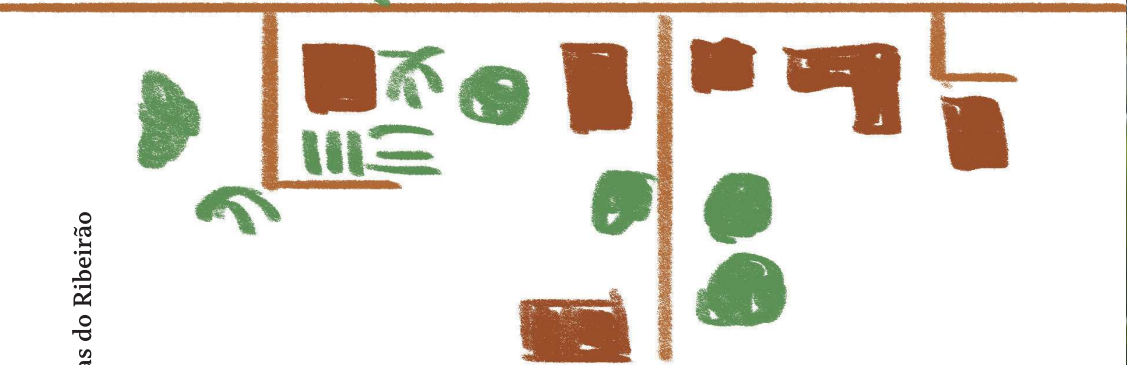
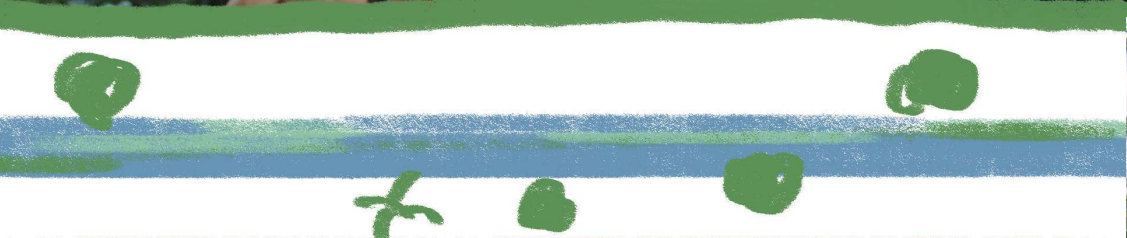
É UMA FAMÍLIA FELIZ
E A GATA MALHUMORADA



Camili, 7 anos



Essa narrativa foi construída por Camili. Ela é neta de Maria de Lurdes Kroh, uma verdadeira contadora de histórias que adora estar em companhia da neta. De tanto Camili ouvir as histórias contadas pela avó, resolveu que também podia começar a criar as suas. A avó ficou toda faceira com as invenções da neta.



As Pedras Brancas

Aqui perto, existem umas pedras brancas que são mal-assombradas. Dizem que os fantasmas protegem um tesouro amaldiçoado embaixo delas. Que os fantasmas guardam os maiores desejos das pessoas que passam por lá. Será que guardariam os meus?

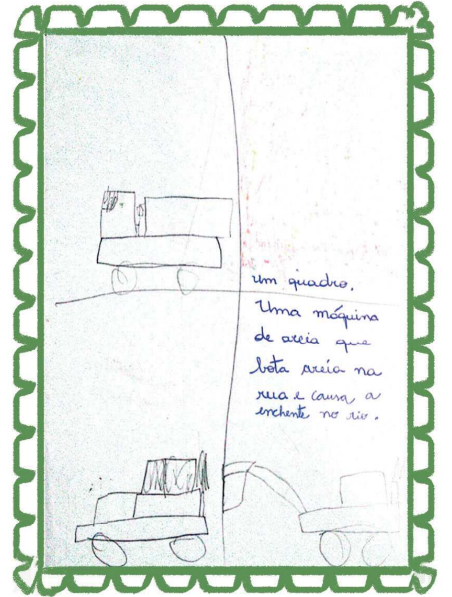
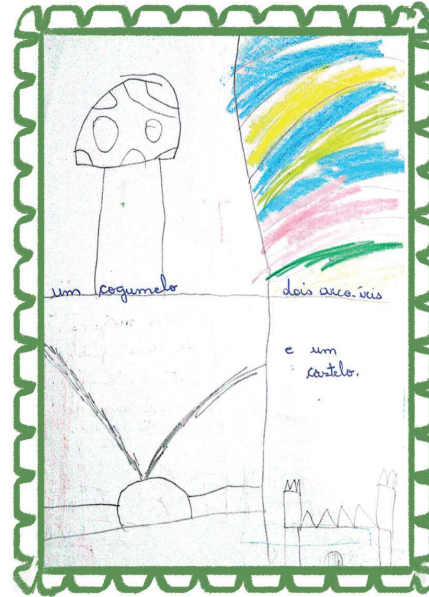
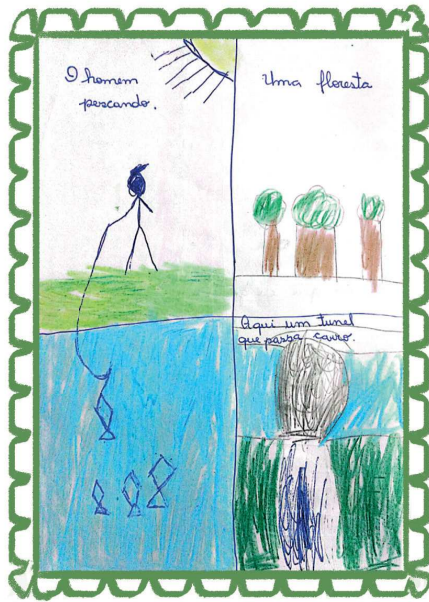
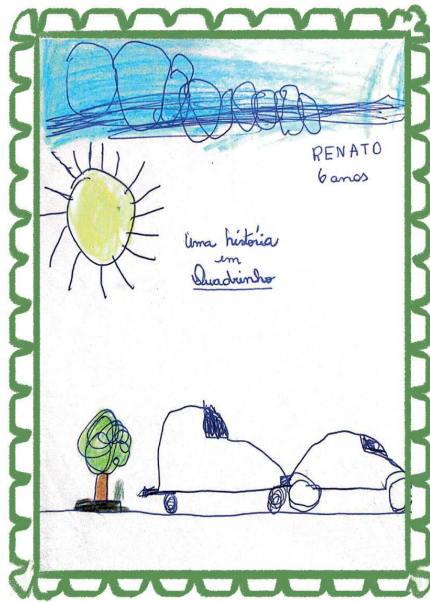
Cauany, 14 anos



Cauany é a autora dessa narrativa. Essa história era contada por seus antepassados que sabiam de muitas histórias encantadas na região. Ela nos levou até a casa cujo quintal exibe as pedras brancas até hoje, em Ribeirão. Sua trisavó materna, Francisca Antônia de Oliveira (1881) foi uma pessoa muito importante na Comunidade: uma grande parteira e benzedeira, que andava de quintal em quintal cuidando da saúde das pessoas. Cauany já descobriu que criar e contar histórias pode ser uma forma de curar as pessoas também. De alguma forma, contando histórias, ela segue as pegadas da trisavó.



Cauany, 14 anos



Renato, 6 anos



Renato, 6 anos

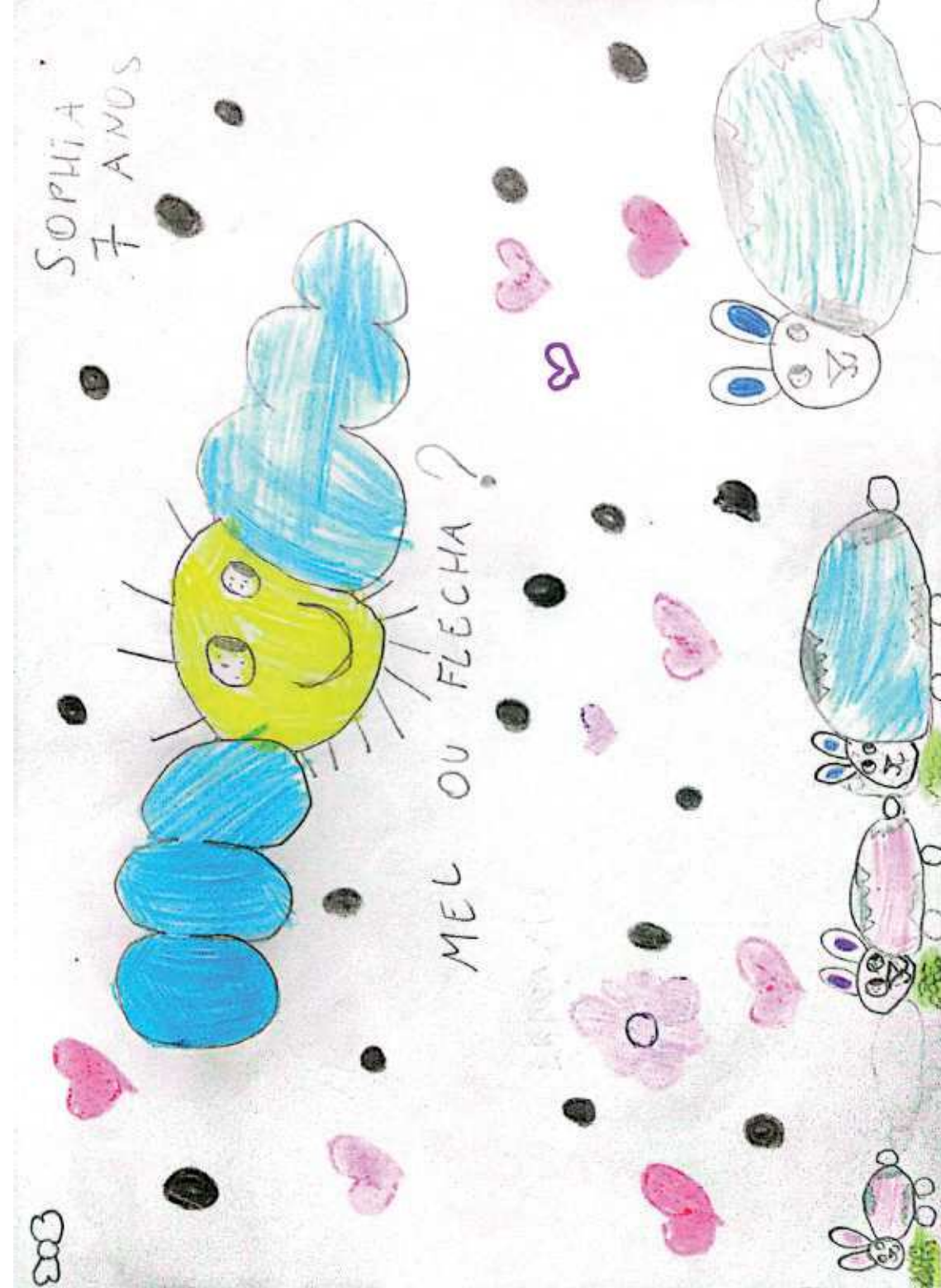


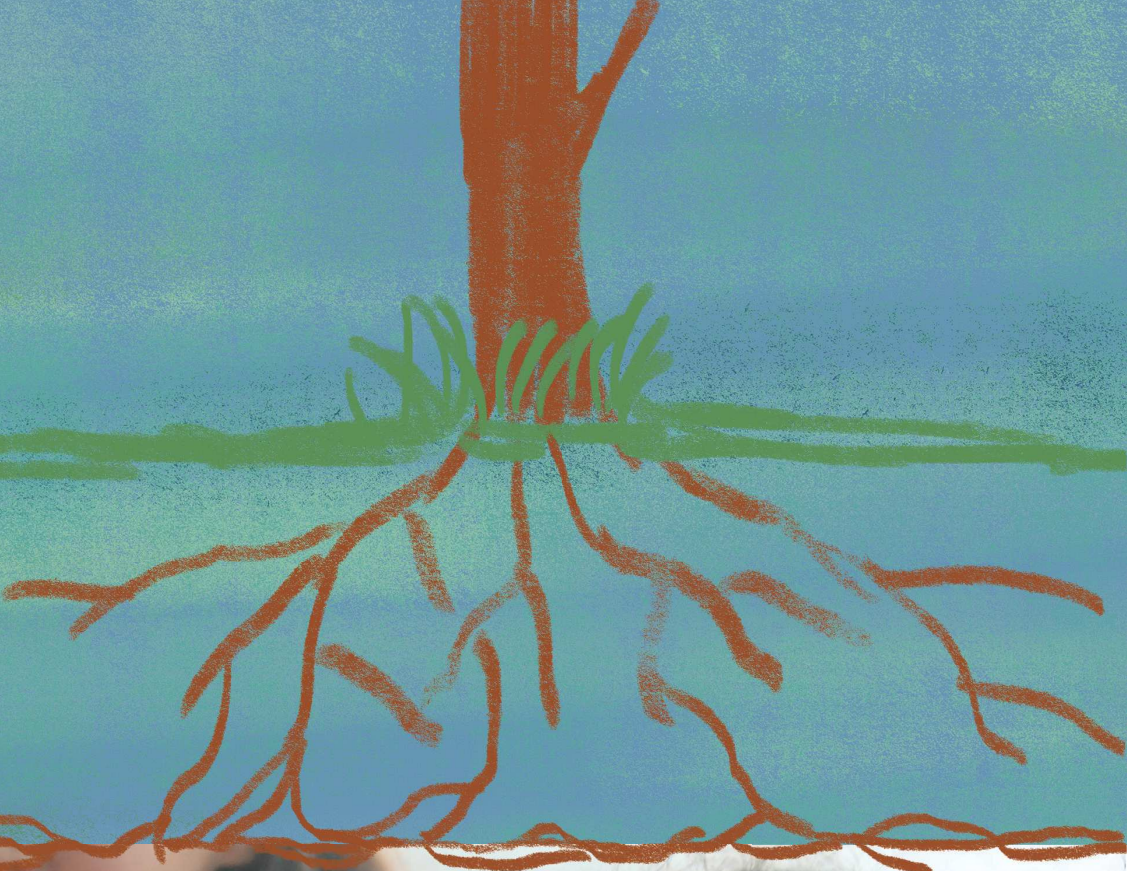
Quando Renato Fiedler contou sua história, ele tinha 6 anos. Embora tendo pouca idade, escolheu a história dos “Fazedores de Rios” e fez uma exposição com seus desenhos, mostrando a importância do rio e o quanto certas ações irresponsáveis dos humanos podem fazer com que o rio e a Comunidade sofram com as cheias. Renato é filho de Rogério Francisco Fiedler e Michele Maria Kroh. Por parte de mãe, traz a história dos antepassados pretos, os primeiros que chegaram em Ribeirão. Por parte de pai, traz o nome de um dos primeiros professores da Comunidade: professor Afonso Fiedler, seu tio, o qual dá nome à escola da Comunidade onde Renato continua criando bonitas narrativas.

Mel e Flecha

Quando o meu coelho era pequeno, eu não sabia se era menina ou menino. Então, primeiro eu pensei que era menina. Mas, não era menina, era menino. Ele fazia xixi fedido e roía o pote da água. Então, eu descobri que ele era menino e o nome dele ficou sendo Flecha.

Sophia, 7 anos

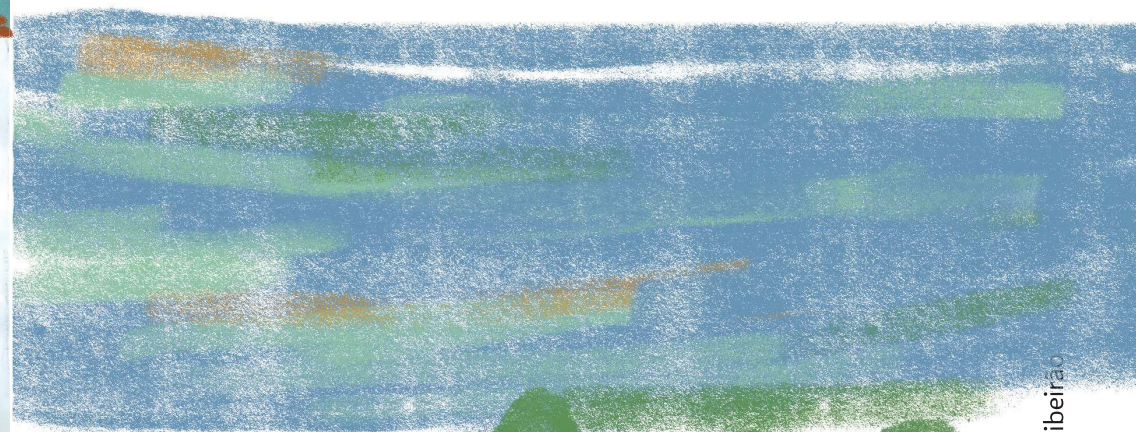
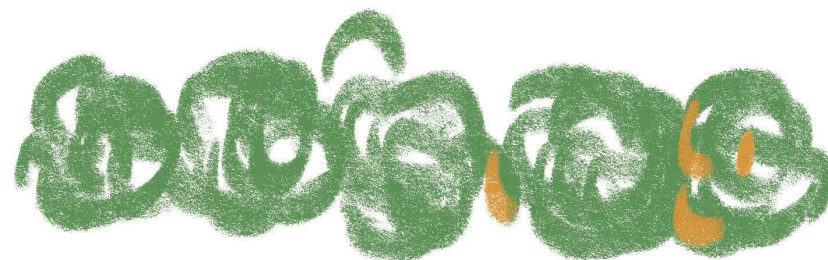




Sophia, 7 anos



Sophia Alice da Silveira é filha de Miane Regina Leopoldino e João Valdir da Silveira. Quando Sophia contou a história de Mel e Flecha, ela tinha 7 anos. Por parte de mãe e pai, Sophia traz a história dos antepassados pretos, africanos escravizados que, por muito anos, foram invisibilizados na cidade em que trabalharam e ajudaram a construir. Hoje, porém, Sophia e outras crianças estão aprendendo sobre seus ancestrais para saber que o que todas elas são é porque eles foram.

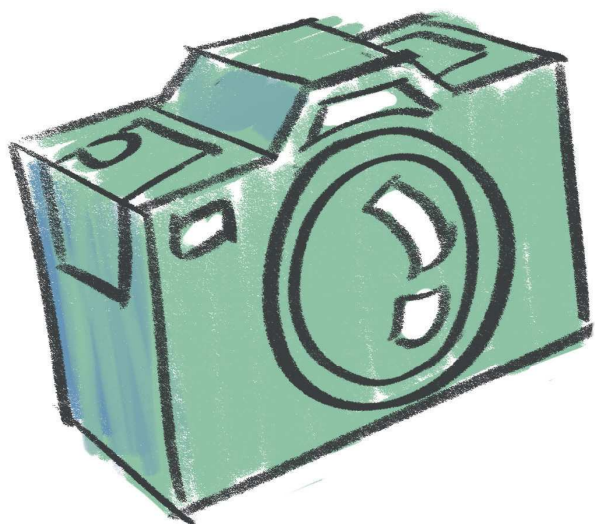


A Onça e a Vaca

Era uma vez uma onça que caminhava pela selva. Então, ela viu uma vaca e não quis comer a vaca porque já estava com a barriga cheia. A vaca, quando viu a onça, começou a correr. Quando olhou para trás, viu que a onça não tinha saído do lugar em que estava. A vaca agradeceu e seguiu seu caminho muito feliz.

Júlio, 10 anos

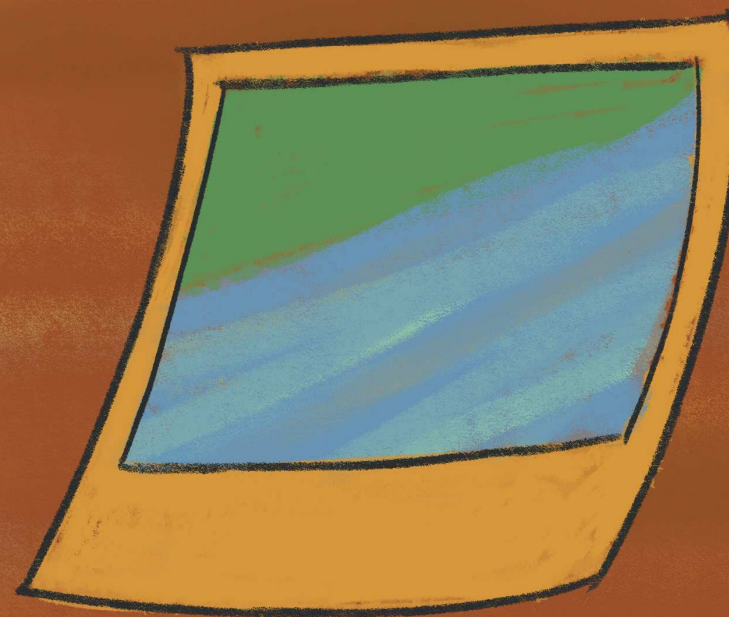




Júlio é neto de Antônio e Julinda e bisneto de Maximiano e Maria da Graça. Ele escolheu a história da onça para criar sua narrativa. Júlio gosta muito de fotografar e é admirável a destreza com a qual manuseia a máquina. Quem vê Júlio empunhando a máquina fotográfica, com tanta atenção, não imagina que, como seu bisavô, ele pode estar caçando. Não mais uma fera como a famosa onça, mas um gesto, um vôo, uma flor, enfim, uma canção.



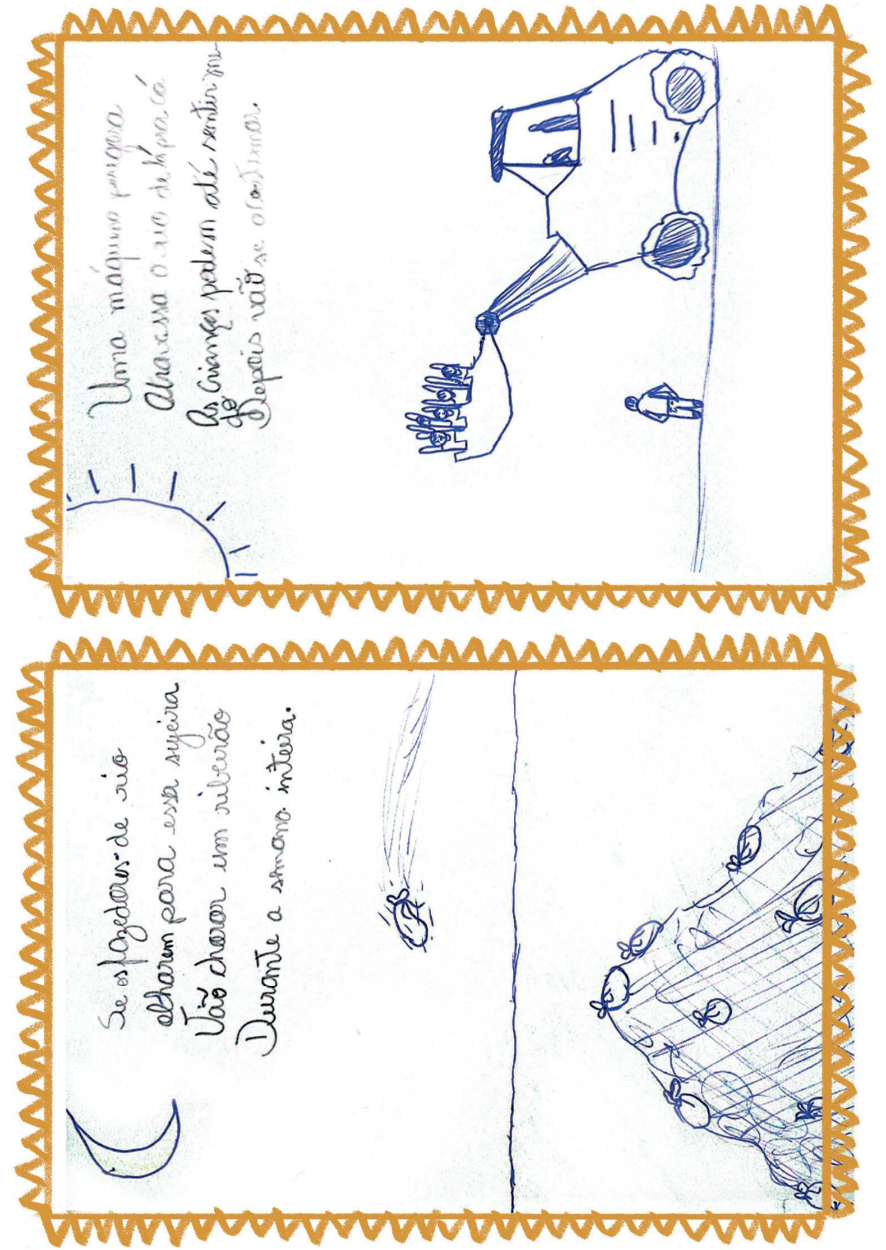
Júlio, 10 anos



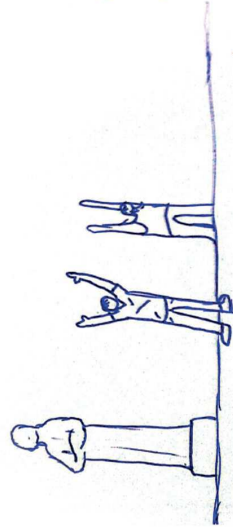
Histórias Legais

Se os fazedores de rio
 Olharem para essa sujeira
 Vão chorar um ribeirão
 Durante a semana inteira.
 Uma máquina perigosa
 Atravessa o rio de lá para cá
 As crianças podem até sentir medo
 Depois, vão se acostumar.
 Dança pra São Gonçalo
 É Festa de tradição
 Melhor é a chamarrita
 Pois eu pego na sua mão.
 Escrevi um cartãozinho
 Chamado de pão-por-Deus
 Para entregar à menina
 Que navega os sonhos meus.
 Não são apenas esculturas
 São histórias, mais de trezentas
 Cada uma com sua graça
 Amor, riqueza e crença.
 Criar um rio novo de um velho
 Com água pura abundante
 Graças a esse trabalho
 A comunidade foi adiante.

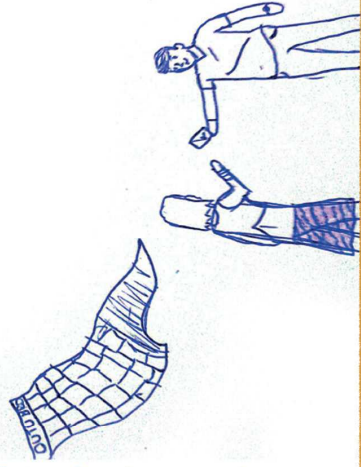
João, 10 anos e Vinícius, 15 anos



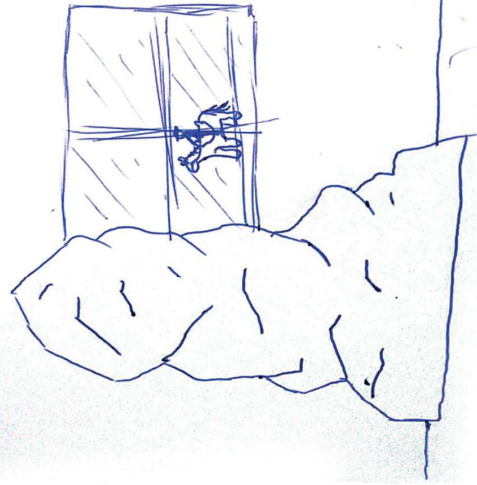
Dança com São Gonçalo
 É festa de tradição
 Melhor é a Chamonissa
 pois eu peço na sua mão.



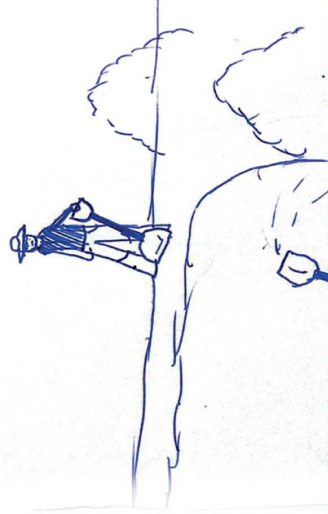
Exceci um cartãozinho
 Chamei de pão para D. João,
 para ajudar a minha
 Que nasceu no sonho meu.

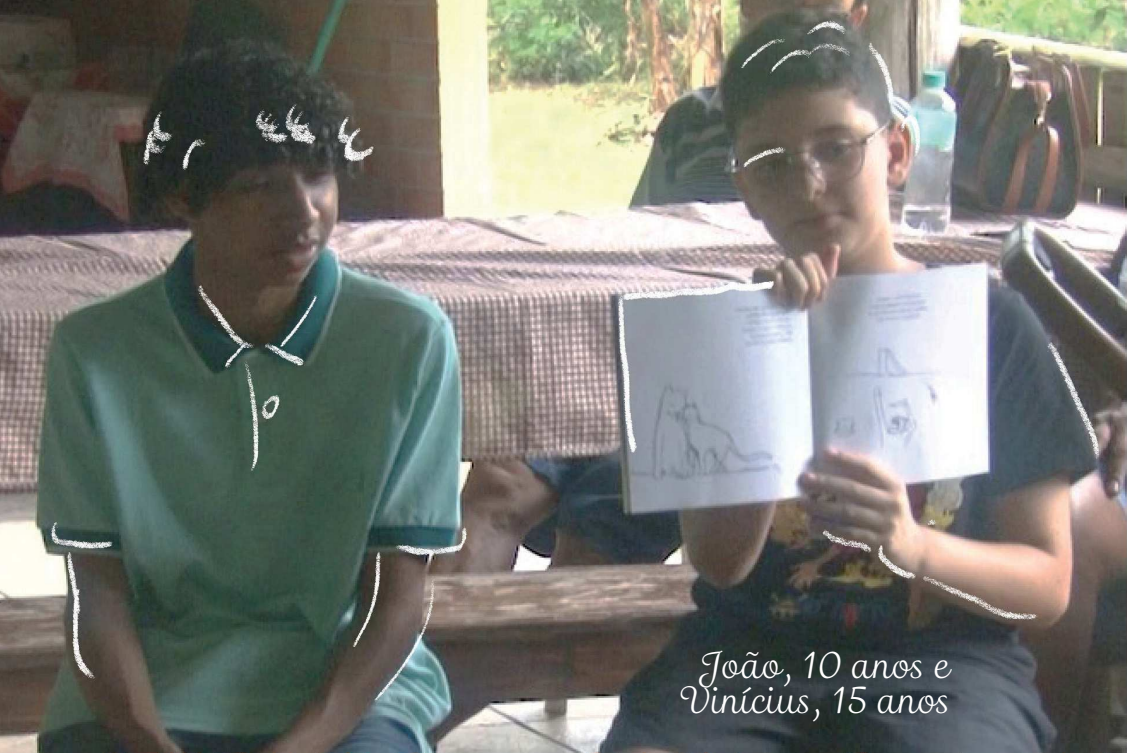


100 não apenas exatidão
 são histórias, mais de 300
 cada um com sua própria
 riqueza e beleza.

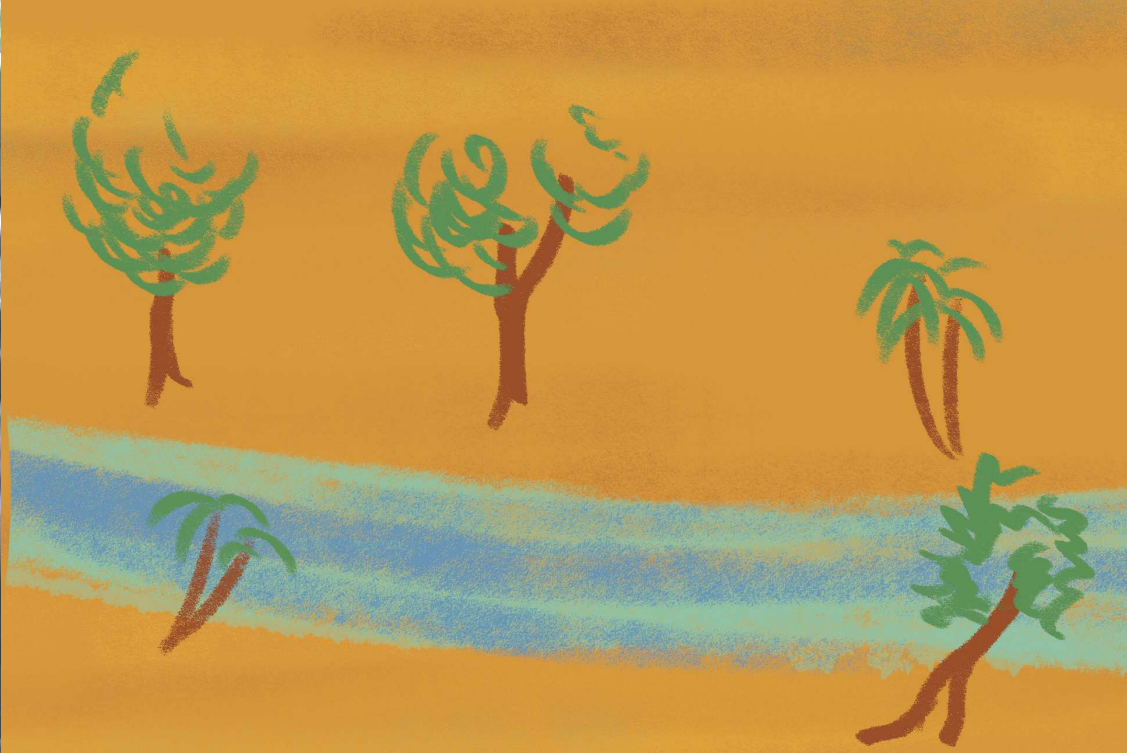


Crian um rio rio de um velho
 com água pura e abundante
 graças a esse trabalho
 a comunidade foi adiante.





João, 10 anos e
Vinícius, 15 anos



João Vítor e José Vinícius não pertencem à Comunidade Ribeirão do Cubatão, mas ficaram encantados com as histórias contadas pelos idosos às crianças: a história dos fazedores do rio, a história do escultor de madeira, a história do pão por Deus, e a história da Promessa de São Gonçalo. Depois que ouviram e assistiram a todas essas histórias, não aguentaram, escreveram sobre todas. João Vítor e José Vinícius são escritores e vieram participar de um dia de Oficinas Narrativas com as crianças. Contaram-lhes sobre como escreveram seus dois livros infantis já publicados: "Um Medo Bonito: recontando as histórias do vô Carlos" e o outro livro intitulado "Amora". José Vinícius tem mais habilidade com as palavras, já João Vítor adora contar histórias desenhando. Por esse motivo, formaram uma dupla perfeita: um se expressa pelas palavras e o outro pelas ilustrações.

A Concha das Crianças

Eu gosto quando chega o verão porque posso ir para o rio com a minha família. Quando chegamos lá, ficamos na prainha ou na cachoeira. Levamos algum lanche e as varas de pescar. Mas, o melhor de tudo é quando entramos no rio para tomar banho e brincar de “guerrinha de galo”:

um primo sobe nas costas do outro e cada dupla fica tentando derrubar a outra dentro da água.

Nesses momentos em família, nós ouvimos muitas histórias do rio.

Num desses dias, eu e meus primos estávamos nessa festa que o rio dá pra gente quando minha tia Lurdes e minha tia Julinda contaram que, há muitos anos, não existia o rio grande, existia somente o rio pequeno chamado ribeirão. E que quem chegou pra fazer o rio grande foi o tio Chicão e o tio Sinoca. Quando eles abriram o rio grande, minhas tias ainda eram crianças e precisavam passar para o outro lado para irem para a escola. Então, tio Chicão e tio Sinoca pegavam todas as crianças, colocavam na concha da máquina e atravessavam para o outro lado do rio. Elas iam pra escola e, quando voltavam, lá estavam os dois tios esperando elas de novo para ajudá-las a atravessar.

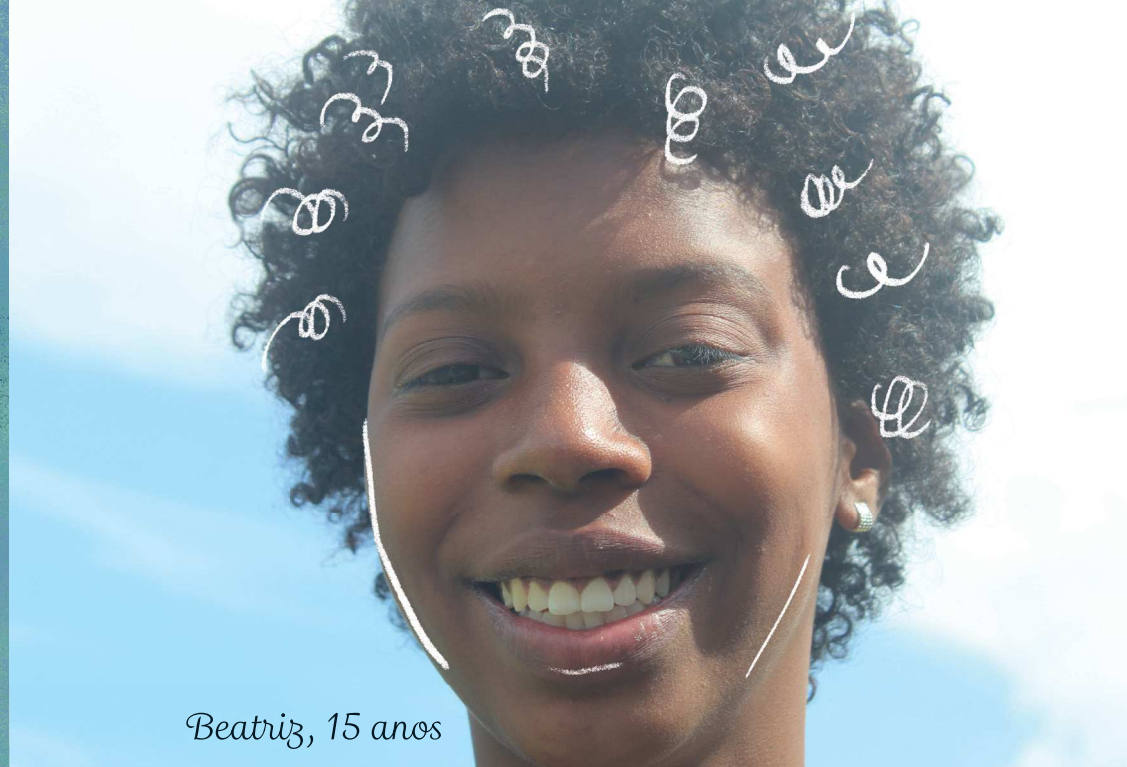
Minhas tias contaram que algumas crianças tinham muito medo. Ficavam apavoradas ao entrarem na concha. E sabem o que os tios fizeram pra tirar o medo delas? Marcaram um

horário fora da hora da aula e ficaram dando voltinhas com as crianças dentro da concha da máquina pra lá e pra cá. Depois dessa brincadeira que os tios fizeram com as crianças, ninguém mais se apavorou na hora de atravessar o rio. E a concha da máquina passou a ser chamada “a concha das crianças”.

Beatriz, 15 anos



Essa história foi criada por Ana Beatriz Silveira. Ana Beatriz ouviu com atenção a história de dois tios contada por suas tias. Ouviu que o rio grande foi feito por tio Chicão e tio Sinoca, os “Fazedores de Rios”. Ouviu dizer que esses dois tios amavam as crianças, preocupando-se em tirar o medo que elas tinham de atravessar o rio. Ah! É muito importante dizer que Ana Beatriz é bisneta de uma ancestral muito respeitada na Comunidade: Ana Dias (1909), mais conhecida como Sinhá Ana Mulato. Ela teve uma história muito interessante e era descendente de africanos escravizados que chegaram com seus senhores, na região de Cubatão. A bisã de Ana Beatriz faleceu em 2013, com 105 anos, deixando muitos descendentes em Ribeirão.



Beatriz, 15 anos

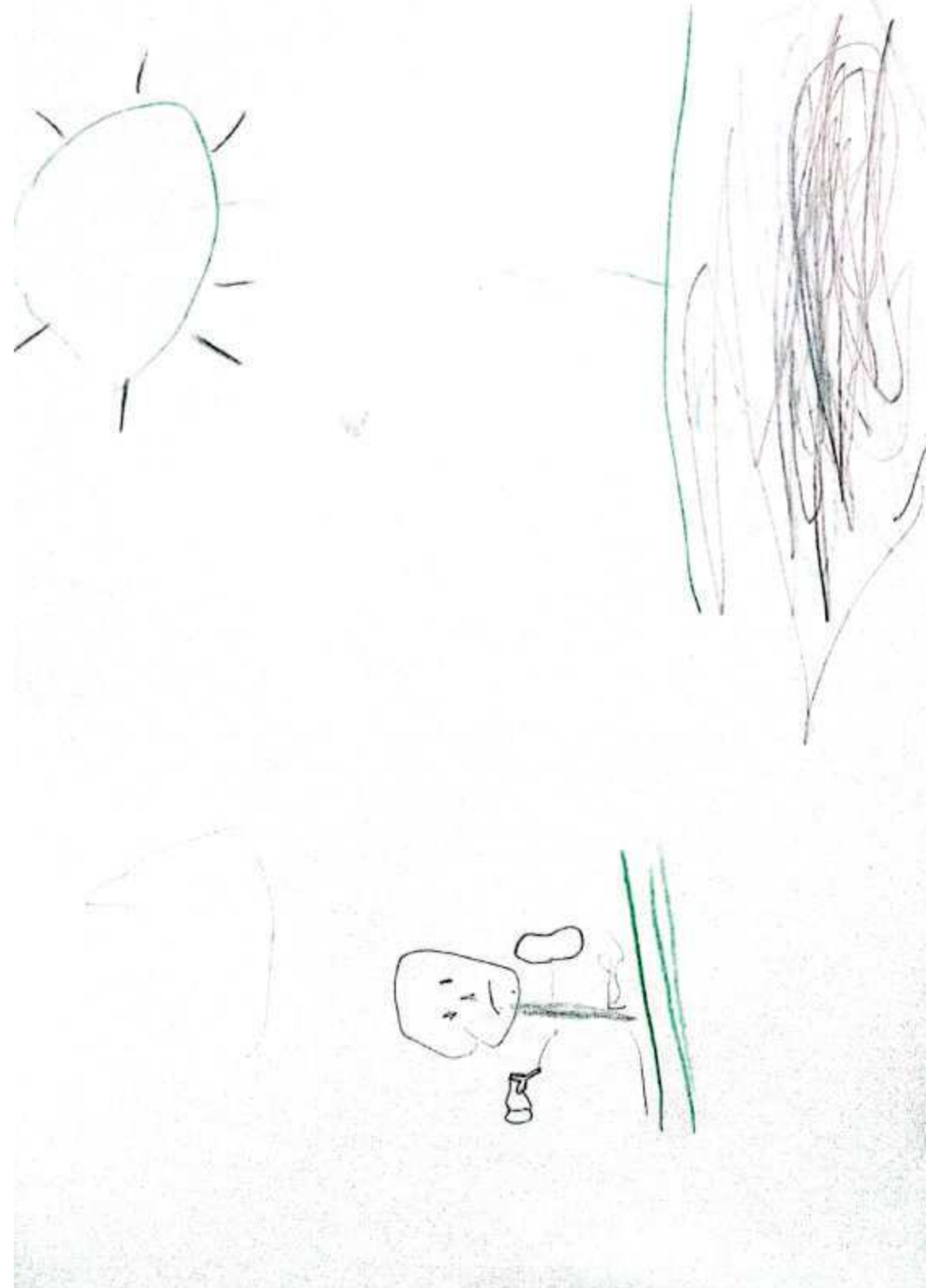




O Menino e a Chiloida

Era uma vez um menino da chiloida. Ele foi pra perto do rio, pegou uma pedra grande e jogou no rio. Então, a pedra caiu no rio e a chiloida também. Aí, o menino chorou, chorou e voltou pra casa chorando. Mas, ele tinha outra chiloida em casa. Então, ele desobedeceu a mãe dele, pegou uma pedra pequena e jogou no rio.

Pietro, 4 anos





Pietro, 4 anos

Pietro Budal Arins criou essa narrativa quando tinha 4 anos. Nessa história, ele também nos mostra o que o rio significa para ele: um lugar de brincadeira. Enquanto ouvia as narrativas contadas pelos idosos nos vídeos, ele prestava muita atenção. Por essa razão, escolheu a história do rio para poder contar sua própria narrativa. Pietro é bisneto, por parte de mãe, de Maria da Graça Leopoldino, uma criadora de versos chamados “pão por Deus”, e, por parte de pai, é bisneto de Maria de Oliveira Prado, outra fazedora de versos de “pão por Deus”. Com duas bisavós tão habilidosas com as palavras, não tinha como Pietro ser diferente, você não acha?



Queridos Fazedores de Rios

O rio para mim é lindo. Eu já tomei banho nele. Já pesquei. E eu quero agradecer os fazedores de rios, tio Chicão e tio Sinoca, que fizeram o rio com carinho e amor. O rio é uma cultura da natureza como os animais da água, como os peixes. O rio é também para os barcos e os jet ski.

Enzo, 8 anos

Oi! Eu sou o Arthur. Eu tenho 5 anos. O meu rio é legal. Passa peixe. Dá pra pescar. Eu e minha família fazemos churrasco lá e tomamos banho. A gente faz um pulo de bicuda, assim. Daí a gente vê os barcos passando, os jetskis, a gente fica olhando. Eu gosto do meu rio.

Arthur, 5 anos



Arthur França Garcia, 5 anos, e Enzo França Garcia, 8 anos, nasceram em Ribeirão do Cubatão. Arthur estuda na Escola de Educação Infantil José do Patrocínio. Já, seu irmão, Enzo, estuda no terceiro ano do Ensino Fundamental da escola Municipal Professor Alfonso Fiedler. Eles são filhos de Suéli França e Maicon Machado Garcia.

Ao contrário das demais crianças de Ribeirão que escreveram suas narrativas, Arthur e Enzo não têm grau de parentesco com outros moradores da comunidade.

No entanto, juntamente com sua família, consideram-se quilombolas por pertencimento.





A Foz...

O Projeto de Conclusão de Curso apresentado aqui, conclui a trajetória do autor no curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina, aglutinando todos os conhecimentos práticos e teóricos adquiridos ao longo dos anos. O autor espera que o livro “Histórias do Ribeirão: narrativas e memória gráfica de crianças quilombolas” ajude de forma significativa na preservação da memória ancestral e na valorização da identidade cultural dessa comunidade e, ainda, inspire outros designers e ilustradores a utilizarem de seus conhecimentos em prol de grupos em processo de apagamento e opressão. Com isso, espera-se não apenas resgatar e difundir histórias e saberes dessa comunidade, mas também promover uma reflexão sobre o papel do design como ferramenta de resistência e luta.



Agradeço...

...às crianças do Ribeirão do Cubatão, por compartilharem suas histórias.

...aos meus orientadores, Douglas Luiz Menegazzi e Roselete Fagundes de Aviz, pelo apoio em todo o processo de criação deste livro, e ao curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina.

...profundamente à minha família e aos amigos pelo apoio constante.



Os fazedores de livros



Gabriel Cruz é designer e ilustrador que busca entender como o design molda e influencia as visões de mundo das pessoas, refletindo e reforçando valores culturais, sociais e ideológicos.

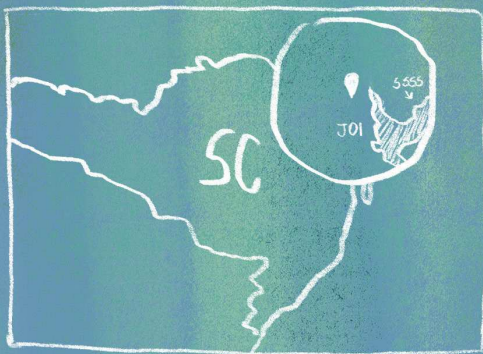


Roselete Fagundes Aviz é quilombola de Joinville, SC. Professora da UFSC, vinculada ao Departamento de Metodologia de Ensino e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Apaixonada pela musicalidade do mundo e pelas poéticas da voz. Em 2023, foi contemplada no edital “Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres” com o romance “EncaraCORlado”. O livro é inspirado nas raízes da Comunidade Quilombola onde nasceu.

LIJ Digital e Design é um grupo interinstitucional e multidisciplinar que reúne e fortalece uma rede de pesquisadores brasileiros com interesses especialmente voltados a explorar, compreender, avaliar e desenvolver práticas e artefatos de literatura para crianças e jovens na intersecção com tecnologias e formatos de expressão literária e digital.

Este livro foi composto em Inimiga do Rei, de Eduardo Cazon e Madre Script e Capitolina, de Marconi Lima; impresso em papel pólen 90g/m², em Florianópolis, na primavera de 2024.

O conteúdo deste livro foi produzido pela professora, pesquisadora e escritora Dra. Roselete Fagundes de Aviz, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e quilombola da comunidade Ribeirão do Cubatão.



Este livro surge como projeto de conclusão de curso (PCC) em Design, com objetivo de, através do design, formatar, preservar e valorizar as memórias e histórias do povo da Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão, na área rural de Joinville, Santa Catarina, em relação a ela mesma e a todos de fora dela.

